

Lusofônico: Diversidade da Música Lusófona em Programa de Rádio¹

Eduardo Sales COUTINHO²
Maurício Nogueira TAVARES³
Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia

RESUMO

O presente artigo relata a elaboração do programa piloto para rádio intitulado Lusofônico, realizado como Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação. O programa tem como principal objetivo a difusão da música feita em países de língua portuguesa. Para este trabalho, foram realizadas três edições piloto, apresentando músicos de Portugal, Cabo Verde e Moçambique. Em breve estudo bibliográfico, são abordados temas como os gêneros radiofônicos, bem como a lusofonia e sua contribuição para o processo de identificação cultural.

PALAVRAS-CHAVE: cultura; língua; lusofonia; música; rádio.

1 INTRODUÇÃO

O termo “lusofonia” é objeto de estudo de diversos pesquisadores e não existe unanimidade com relação ao seu significado. Alguns questionam o seu uso, por sua raiz na palavra “luso” ou “lusitano”, relativo a “português” ou à província romana da Lusitânia, região da península ibérica que deu origem a Portugal, afirmando que o termo, por sua etimologia, reforçaria a ideia de superioridade da antiga metrópole, desvalorizando os demais povos que falam português. Outros autores defendem que, com o tempo, a palavra ganhou novo significado, como Fernando Cristóvão, que afirma que:

porque a etimologia não é tudo, o uso semântico da palavra [lusofonia] deu nome aos laços existentes, uns fortes, outros débeis, entre a antiga Metrópole e os novos países independentes e regiões, que falam ou falaram a língua comum, exprimindo tradições e valores que também foram comuns durante séculos (*apud* MACIEL, 2010, p. 86).

Neste trabalho, adota-se a definição de *lusofonia* como “conjunto político-cultural dos falantes de português”, do Dicionário Priberam de Língua Portuguesa, assim como o termo *lusófono* como “que ou quem fala português” ou “que tem o português como língua oficial ou dominante (ex.: país lusófono)”, de acordo com o mesmo dicionário. O que pretende-se abordar, aqui, é como a lusofonia pode configurar-se como um elemento de identificação. Em que medida o compartilhamento de um mesmo idioma, neste caso

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na categoria *Rádio, TV e Internet*, modalidade *Programa laboratorial de áudio*

² Aluno líder e recém-graduado em Jornalismo (2014), e-mail: educoutinho9@gmail.com

³ Orientador do trabalho e professor de Comunicação, e-mail: mntavares@uol.com.br

específico, o português, pode representar uma aproximação entre indivíduos de países distintos.

Para avançar na discussão sobre identificação, é importante conceituar “identidade”. Aqui, considera-se a identidade como uma construção sociológica, a partir da interação do sujeito com a sociedade. Nesta interação, entram em jogo os valores, sentidos e símbolos, ou seja, a cultura. Essa visão é aperfeiçoada a partir da análise da identidade do ponto de vista do sujeito pós-moderno, que o compreende como algo fragmentado, composto de várias identidades, que podem revelar-se, inclusive, contraditórias ou não-resolvidas (HALL, 2006).

O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 2006, p. 14).

A linguista brasileira Maria Helena de Moura Neves afirma que “não se pode avaliar lusofonia, simplesmente, como um conjunto de espaços geográficos em que os usuários da língua se comunicam” (2008, p. 174). Para a autora, a lusofonia é “uma afirmação de identidade que faz abstração da geografia dos povos para investir naquele ‘espaço simbólico e político’ de que fala Fiorin” (FIORIN, 2010, p. 174), citando o linguista brasileiro José Luiz Fiorin.

O termo ‘Português’, que cobre variedades socioletais, dialetais, nacionais que convivem em Portugal e no Brasil, deve ser entendido como importante instrumento de coesão entre povos e como afirmação política e econômica num contexto envolvente transnacional (MATEUS *apud* NEVES, 2008, p. 175).

A língua portuguesa, ou a lusofonia, para Neves, é um “espaço de pensamento, de ação e criação, um espaço de identificação, para além e por cima das especificidades culturais, que não perde a identidade ao abranger falantes americanos, europeus, africanos e asiáticos” (2008, p. 175). No entanto, deve-se estar atento ao fato de que o processo de identificação não é automático. “Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada” (HALL, 2003, p. 21).

Neste mesmo pensamento, a linguista portuguesa Maria Helena Mira Mateus chama a atenção para os aspectos individual e contextual do processo de identificação a partir do compartilhamento de um mesmo idioma.

A língua materna de cada indivíduo contribui poderosamente para se reconhecer a si próprio e para ser reconhecido pelo outro. É na realidade um factor de identificação cultural, mas no uso, e pelo uso, que dela faz o indivíduo no contexto em que está inserido e não apenas por pertencer a uma das várias comunidades que a utilizam a mesma língua (MATEUS, 2006, p. 19-20).

A língua, portanto, não pode ser enxergada como um fator automático de identificação cultural. O fato de um indivíduo viver em um território lusófono não garante a existência de um reconhecimento entre ele e alguém de um outro lugar que fale português. No entanto, considerar que a existência da identificação cultural a partir de uma língua comum depende do uso desta língua por parte do indivíduo, e do contexto em que ele está inserido, nos permite pensar que tal identificação pode ser construída, ou fomentada, a partir de iniciativas que promovam intercâmbio entre povos que compartilham o mesmo idioma.

Neste contexto, tendo o rádio como meio de comunicação eleito, surgiu a ideia de realizar, como Trabalho de Conclusão de Curso, o programa piloto de rádio “Lusofônico”, que tem como objetivo central apresentar artistas e grupos musicais de diferentes países de língua portuguesa, através de execução de músicas e entrevistas.

2 OBJETIVO

A ideia de realizar o programa Lusofônico vem da constatação de que a população brasileira, em geral, conhece muito pouco da música produzida em outros países. É também a partir do pensamento de que a lusofonia é um fator de identificação cultural que se fortalece o desejo de produzir este programa.

Nesse contexto, a criação do programa Lusofônico tem como objetivo promover a difusão da produção musical de artistas lusófonos, apresentando ao ouvinte (que pode ser brasileiro ou natural de qualquer outro país lusófono) artistas e grupos de regiões que tenham o português como língua oficial. Ao mesmo tempo, ainda que em escala micro, esta ação tem o objetivo de contribuir para um maior contato e, conseqüentemente, maior identificação cultural entre os povos que falam português, possibilitando uma maior integração entre a comunidade lusófona.

3 JUSTIFICATIVA

A criação do programa piloto de rádio Lusofônico, e sua possível sobrevivência em rádio, justifica-se por proporcionar uma ampliação do repertório musical de parte da população brasileira, podendo esta meta ser expandida ao público de outros países, na medida em que o programa será hospedado em canal na internet (www.lusofonico.com). Este fato, como já foi explanado, está associado a um maior contato e identificação entre os membros da comunidade lusófona. Tal justificativa é reforçada pelo fato de que a população brasileira, hoje, tem poucas ferramentas para acessar produtos musicais de outras regiões, sobretudo quando se trata de produções emergentes - o mesmo acontece, em geral, com as populações de outros países.

O programa revela-se, ainda, como uma ferramenta de divulgação do trabalho de novos artistas, ou até mesmo de artistas consolidados em seus países de origem, mas pouco conhecidos internacionalmente. O programa, no entanto, não se restringe a falar sobre música, mas possibilita também a discussão sobre outros temas (relacionados a história, cultura, intercâmbio e atualidades) que possam surgir a partir das entrevistas com os artistas, possibilitando aos ouvintes maior conhecimento e reflexão sobre tais assuntos.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Na realização do programa de rádio, foram utilizados dois métodos de forma mais sistemática: pesquisa e entrevistas. Como afirma Medina (1986, p.5):

a entrevista pode ser apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré-pautadas por um questionário. Mas certamente não será um braço da comunicação humana, se encarada como simples técnica. Esta – fria nas relações entrevistado entrevistador – não atinge os limites possíveis da inter-relação, ou, em outras palavras, do diálogo.

As entrevistas, desde a concepção deste trabalho, teriam papel fundamental, pois não apenas dariam ferramentas para que eu compreendesse as realidades dos artistas e as suas relações como a lusofonia, mas seriam parte do próprio conteúdo do programa. Por esse motivo, e com o objetivo de tornar a fruição do programa leve e agradável, as entrevistas foram realizadas de forma descontraída, buscando, sobretudo, promover de forma natural e profunda a inter-relação e o diálogo com o artista convidado. Pela distância física entre mim e o entrevistado, optei por realizar as entrevistas através do Skype, gravando as conversas na íntegra, através de um programa de computador. As minhas intervenções, como entrevistador, foram feitas de forma tranquila, sem preocupações

técnicas com a voz ou com a forma de falar, já que as minhas falas seriam cortadas na edição.

Posteriormente às entrevistas, foi feita a escolha das músicas que seriam executadas ao longo do programa e, em seguida, elaborado o roteiro. Escrito com linguagem direta, exigida pelo rádio, o roteiro tinha como base os trechos mais interessantes das entrevistas, cujas informações poderiam ser passadas diretamente (através da voz do artistas) ou fornecidas ao ouvinte em voz off, pelo apresentador. O texto era complementado com informações mais factuais sobre os entrevistados, como local de origem, dados sobre trabalhos realizados, entre outros.

A etapa de pesquisas, que antecedeu o momento das entrevistas e elaboração do roteiro, envolveu duas vertentes: pesquisa de possíveis gêneros e formatos no rádio e pesquisa dos próprios artistas e gêneros musicais produzidos pelo extenso e diverso território lusófono. Para esta segunda vertente, foram utilizadas diversas formas de busca, desde aquelas de caráter mais pessoal, como indicações de artistas e gêneros por amigos e conhecidos que tenham vivido ou visitado algum país lusófono, até consulta de catálogos virtuais, ranking dos mais ouvidos de cada país e sites especializados.

Já a pesquisa sobre gêneros e formatos existentes no rádio me fez chegar a uma definição elaborada pelo autor José Ignacio López Vigil, professor e radialista cubano. Vigil defende a divisão de gêneros e formatos radiofônicos como a formulação de “um menu amplo e apetitoso, a gama mais variada de formas, para estimular a criatividade dos radialistas” (VIGIL, 2003, p. 118-119). Pensar na classificação de gêneros como um cardápio ajuda a encará-la como uma ferramenta que deve ajudar, e não limitar, o trabalho dos profissionais de rádio. Neste caso, a função não é compartimentar ou engessar os diferentes tipos de programação, mas mostrar o que existe e pode ser explorado na hora de fazer rádio. Deve-se ter em conta que cada gênero definido está sempre sujeito a mudanças e, inclusive, a misturar-se com outro, dando origem a novos formatos.

Segundo o "cardápio radiofônico", formulado por Vigil, o Lusofônico se enquadra no gênero musical, que, como o nome já diz, é aquele que aposta na música como o centro da sua programação. Estes programas dedicam boa parte de seu tempo à execução de faixas sonoras na íntegra. O que é abordado nos espaços entre as músicas é o que varia e dá origem aos subgêneros dos programas musicais, entre eles programas musicais de um único gênero, programas que elencam os mais tocados ou mais pedidos, que contam as histórias das canções, entre outros. Aqui, damos atenção ao subgênero “O convidado especial”,

segundo classificação de Vigil, pois é um dos formatos que dialoga com o programa piloto realizado neste trabalho.

Segundo Vigil, “o formato consiste em dedicar meia hora, ou talvez uma, a um único intérprete” (2003, p. 117). Ainda segundo o autor, o programa pode receber o convidado em estúdio, alternando a execução das músicas com um bate-papo; combinar as canções com fragmentos de uma entrevista gravada; ou, simplesmente, executar as faixas e incorporar, entre uma e outra, dados sobre a vida e a carreira artística do convidado ausente. Vigil atenta ao fato de que este tipo de programa “pode ser uma magnífica plataforma para projetar cantores da região ou outros menos conhecidos da audiência”.

Outro gênero musical (este não classificado por Vigil) que também orienta a produção do meu programa piloto é aquele dedicado à música feita em um território específico. Não se trata de um programa de um único gênero musical, mas de diversos gêneros comuns a uma mesma localidade, que pode ser um estado, um país, uma região, um continente ou um território sociocultural.

O programa piloto Lusofônico enquadra-se nos dois subgêneros musicais abordados acima. Trata-se de um programa do subgênero “o convidado especial”, pois cada edição do programa gira em torno de apenas um artista ou grupo – todo o roteiro é construído a partir da figura escolhida para ser apresentada ao público. No entanto, há algo maior que orienta a construção do programa e que lhe dá identidade: o fato de ser um programa de música de países lusófonos. Apresenta-se sempre um artista, mas não qualquer artista. O Lusofônico se debruça sobre a produção musical feita em países que têm o português como língua oficial. Portanto, trata-se também de um programa focado em um território específico – não no sentido físico, mas no sentido linguístico ou cultural, como é também o caso do território latino. O programa Lusofônico tem como base a música feita em território lusófono, em países que tenham em comum a língua portuguesa como idioma oficial: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Para este trabalho, escolhi produzir três edições do programa, cada uma delas dedicada à apresentação de um artista lusófono, sendo cada artista de um país diferente. Ao longo do programa, são veiculadas falas do apresentador sobre o artista escolhido, trechos de entrevista gravada previamente com o próprio artista, além, obviamente, das músicas. A

ideia era que o programa abordasse a música lusófona em sua diversidade, através de diferentes ritmos, influências e gerações de artistas.

O primeiro passo foi a descoberta de que artistas seriam apresentados. Para isso, recorri à rede de amigos do Facebook e pedi a indicação de pessoas que já viveram em algum desses três países. Escolhi fazer a pesquisa dessa forma, em vez de recorrer imediatamente aos mecanismos de busca como o Google, para torná-la mais pessoal e poder alcançar também artistas que não fossem tão conhecidos. Consegui alguns nomes, comecei a escutar os discos através da internet, pesquisei sobre a trajetória de cada um e iniciei o contato com os artistas.

Vale ressaltar que, ao longo da pesquisa, constatei que a maior parte dos artistas de países lusófonos africanos compunha e cantava nos idiomas tradicionais das respectivas regiões. Sabe-se que o português, apesar de ser a língua oficial, não é a única língua falada nestes países. É comum que as pessoas comuniquem-se em idiomas como o umbundu, kimbundu e kikongo, em Angola, o suaíli, maconde, macua e chope, em Moçambique, ou nas diferentes formas do crioulo caboverdiano – apenas para citar algumas de centenas de línguas. Naturalmente, o mais comum é a coexistência do português e demais idiomas, sobretudo nas grandes cidades, e muitas vezes as duas línguas misturam-se, inclusive, nas composições.

Decidi considerar todos esses idiomas e assumir o projeto como um programa de músicas feitas em países de língua portuguesa, e não necessariamente de músicas cantadas em português. Justifico a minha decisão no fato de que a ideia de comunidade lusófona, e a identificação cultural existente entre as nações que falam português, extrapolam o território meramente linguístico. Ao contrário: a ideia de identidade como construção social, a partir da cultura, é um estímulo para que estes artistas passem a integrar o Lusofônico, programa que se propõe a ser um canal de comunicação que fortaleça a identificação cultural entre membros da comunidade lusófona.

Os dois primeiros artistas escolhidos foram Nastio Mosquito, poeta, artista visual e músico angolano, indicado pela jornalista Maira Cristina, e Marcia, cantora e compositora portuguesa que acabei encontrando depois de uma vasta pesquisa na internet sobre artistas da chamada “nova música portuguesa”. Nastio me chamou a atenção imediatamente pelo caráter político de sua música, feita com muita ironia, que discute identidade angolana, capitalismo e estereótipos sobre a África no ocidente. Já a escolha de Marcia foi feita por

seu trabalho ser muito distante da música tradicional portuguesa, como o fado, e reunir sonoridades e influências diversas, como bossa nova, rock e a música indie.

O contato com os artistas foi feito, inicialmente, através do Facebook, com um breve texto de apresentação do programa. Marcia respondeu depois de alguns dias, mostrando-se disponível para participar, e agendamos a entrevista para ser realizada via skype. Nastio Mosquito chegou a responder positivamente, mas, depois que perguntei a disponibilidade para entrevista, não retornou mais o contato. A partir de então, ampliei as formas de pesquisa, e passei a transitar por diversos sites, catálogos virtuais, rankings e listas de cada país lusófono.

Nesta pesquisa, encontrei o músico caboverdiano Bilan, que era citado em artigo no site Afreaka como um dos dez artistas africanos mais interessantes do momento. O retorno de Bilan foi imediato e também marcamos para realizar a entrevista. Fiz a entrevista com Bilan através do skype, que aconteceu de forma tranquila e muito produtiva. A entrevista com Marcia aconteceu também via skype. A artista foi muito receptiva e generosa, mas, por estar com uma agenda apertada, tivemos pouco tempo para a conversa, o que limitou o número de perguntas e respostas. A qualidade de áudio das entrevistas via skype superou as minhas expectativas, e as sonoras puderam ser utilizadas tranquilamente, sem comprometer a qualidade do programa.

Para o terceiro programa, tentei contato com outros diversos artistas, entre eles a angolana Aline Frazão – que se mostrou receptiva, mas não poderia me atender a tempo. Decidi fazer uma visita ao CEAO – Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia e lá consegui, através de um professor, o contato de um pesquisador de Moçambique que estava vindo a Salvador para ministrar um curso sobre música moçambicana. A partir deste pesquisador, cheguei ao músico Cheny Wa Gune, um dos nomes mais importantes da música moçambicana contemporânea, tocador de Timbila, instrumento tradicional do país, e um dos fundadores da Orquestra Timbila Muzimba.

A entrevista com Cheny Wa Gune foi bastante rica em conteúdo, mas repleta de problemas técnicos. A ligação caiu cinco vezes, ao longo da entrevista, e o áudio perdeu qualidade em diversos momentos da conversa, provavelmente por conta da conexão via internet. Para completar, uma criança gritava e chorava ao fundo e, mais tarde, começou a cair uma forte chuva que batia no telhado e deixava a entrevista ainda mais ruidosa. Tentei contornar tudo isso durante a edição, mas alguns problemas persistiram, e perdi trechos com conteúdos interessantes por conta da má qualidade do áudio.

O processo de edição demorou dois dias. Depois de escrever os roteiros, escolher as músicas e separar os trechos das entrevistas que eu gostaria que entrassem no programa, passei o material para que o estudante de Comunicação Paulo Eduardo Assunção editasse o programa. Paulo Eduardo tinha me acompanhado durante todo o processo de elaboração do TCC, desde as primeiras ideias de concepção, passando pela definição de formato, escolha do nome e contato com os entrevistados. Ele conseguiu cortar os longos trechos de sonora, o que por apego não consegui fazer, e dar ao programa a cara e o ritmo que eu gostaria. Para a construção da vinheta, utilizamos a palavra "lusofônico" falada por pessoas de diferentes países, brincando com os diferentes sotaques.

Paralelamente à produção do piloto para rádio, foi criado um website para hospedar os programas e servir como um canal de divulgação e contato com o público. Foi utilizada a plataforma paga Virb, que permite a criação de sites com interface simples e eficiente. Além disso, foi comprado um domínio (www.lusofonico.com), para tornar o acesso e a divulgação mais fáceis e eficazes, além de manter reservado o nome do programa e assegurar que o domínio não será utilizado por mais ninguém. O site criado permite o fácil acesso a partir de dispositivos móveis, possibilitando que o programa seja escutado em situações e locais diversos. Essa foi uma das preocupações centrais da execução do programa, pois, a partir da popularização da internet o consumo de produtos radiofônicos tornou-se cada vez mais disperso - e esta realidade tem sido potencializada com o uso de dispositivos móveis.

A criação da marca do programa Lusofônico foi feita a partir de uma vasta pesquisa de tipografias na internet. Foram acrescentados três traços curvos, ao lado direito do nome "Lusofônico", que sugerem a ideia de ondas sonoras e dão certo movimento à marca. As cores verde, vermelha e amarela foram escolhidas por serem as predominantes nas bandeiras dos países lusófonos. A marca tem formato simples e apenas quatro cores, o que permite a sua aplicação, de maneira fácil, em diferentes locais.

6 CONSIDERAÇÕES

Produzir o programa piloto Lusofônico como Trabalho de Conclusão de Curso permitiu que eu colocasse em exercício uma série de ferramentas conquistadas ao longo de mais de quatro anos de graduação, dentro e fora dos muros da universidade. A escolha de fazer um produto que me desse, num momento posterior à formatura, a possibilidade de seguir trabalhando, também contribui para a minha realização com este trabalho. Por fim, e principalmente, produzir o programa Lusofônico me permitiu mergulhar no mundo da

cultura lusófona, conhecer novos artistas, mas, sobretudo, novas culturas - e me fez confirmar como é forte a nossa união através da língua. Espero que, como eu, os ouvintes possam também embarcar nesta viagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Neusa Barbosa. **Língua Portuguesa: uma visão em mosaico**. São Paulo: IP-PUC-SP/EDUC, 2002.

BIANCO, Nélia Del. **O Rádio Brasileiro na Era da Convergência**. São Paulo: INTERCOM, 2012.

CARL, Hausman; MESSERE, Fritz; O'DONNELL, Lewis; BENOIT, Philip. **Rádio: produção, programação e performance**. São Paulo: Cengage Learning, 2010

FIORIN, José Luiz. **Língua portuguesa, identidade nacional e lusofonia**. In: Bastos, N.M. (org.) *Língua portuguesa: cultura e identidade nacional*. São Paulo; EDUC, 2010. Disponível em <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/780.pdf>

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MACIEL, Cármen Liliana Ferreira. **Comunidade Lusófona a partir do Antigo Centro: Micro-comunidades e práticas da Lusofonia**. Dissertação de Doutorado em Sociologia, Lisboa, 2010. Disponível em <http://run.unl.pt/bitstream/10362/4440/1/carmenmaciel.pdf>

MATEUS, Maria Helena Mira. **A mudança da língua no tempo e no espaço**. ILTEC / FLUL, 2005.

MATEUS, Maria Helena Mira. **Se a língua é um factor de identificação cultural, como se compreende que a mesma língua identifique culturas diferentes?** In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 63- 80.

MEDINA, Cremilda Celeste de Araújo. **Leitura Crítica**. In: Felipe Lindoso. (Org.). *Rumos [do] Jornalismo Cultural*. São Paulo-SP: Summus: Itá Cultural, 2007, v. 1, p. 32- 35.

MEDITSCH, Eduardo (org). **Teoria do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2005.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A língua portuguesa em questão: uso, padrão e identidade linguística**. In: BASTOS, Neusa Barbosa. *Língua Portuguesa: lusofonia - memória e diversidade cultural*. São Paulo: EDUC, 2008.

SOUSA GALITO, Maria. **Conceito de Lusofonia**. CI-CPRI, AI, °16. 2012. Disponível em <http://www.ci-cpri.com/wp-content/uploads/2012/10/Conceito-Lusofonia1.pdf>

VIGIL, José Ignacio López. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. São Paulo: Paulinas, 2003.